

A VOZ FEMININA EM MENINO DE ENGENHO

Maria Mayara Lins Do Nascimento; Eridiany Aparecida Gonçalves Freire; Antonio Cleonildo Da Silva Costa.

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte - IFRN.
mayara_linsnascimento@hotmail.com

Resumo

Menino de Engenho, escrito por José Lins do Rego, é um romance regionalista associado ao contexto histórico dos antigos engenhos existentes no Nordeste brasileiro. Como narrador e personagem principal, Carlinhos narra acontecimentos vivenciados por ele na infância, abrangendo personagens masculinos e femininos, que influenciaram a construção de seu caráter. Por retratar um Brasil ainda conservador, a obra está relacionada a uma conjuntura repleta de ideais da sociedade patriarcal que concede ao homem o papel de líder e senhor, enquanto que à mulher apenas a denominação de “ser frágil e dominada”. Apesar de subjugadas, as personagens femininas em *Menino de Engenho* persuadem as decisões tomadas pelos homens e detêm o poder de interferir de forma significativa na vida dos mesmos. Logo, o vigente artigo tenciona a salientar as vozes femininas em *Menino de Engenho* que impulsionam o protagonismo das mulheres. Isso ocorre concomitante a ação do patriarcado, que tenta facultar o esquecimento às personagens femininas.

Palavras-chave: patriarcal, mulheres, vozes femininas.

INTRODUÇÃO

Menino de Engenho é um romance moderno publicado no século XX, que enaltece a realidade e retrata de forma singular um Nordeste em que as desigualdades estão bem expostas. Levando-se em conta o século em que a obra foi publicada, a estética em *Menino de Engenho* perpassa valores e ideais acerca do modelo ideal feminino. Frágil, dominada e submissa são características atribuídas constantemente à figura feminina. No entanto, apesar de subjugadas, as mulheres não ocupam uma posição de esquecimento, pois possuem voz, de maneira a atuar, algumas vezes, como protagonistas.

As mulheres da obra são aquelas que estão sobre imposições e regras do patriarcalismo, mas apesar disso agem de maneira forte e cumprem feitos que para os homens eram impossíveis de serem realizados pelo sexo oposto. Tia Maria, Sinhazinha, Zefa Cajá e Clarisse são algumas das que exercem grande influência sobre a sociedade patriarcal e ainda protagonizam na história. Em *Menino de Engenho*, as personagens femininas são sinônimo de força.

Além disso, é importante destacar que as mulheres da obra mencionada são autênticas “anti-heroínas”, isto é, são caracterizadas por serem vulneráveis à uma sociedade feita para homens, mas que, dentro desta, conseguem enfrentar e superar dramas do cotidiano. Na criação artística supracitada temos personagens femininas que atribuem a si mesmas certas propriedades, como

melancolia, solidão e preguiça; ou seja, as mulheres fogem do ideal feminino para tornarem-se personagens reconhecidas no contexto em que são inseridas.

Logo, o objetivo do presente artigo é trabalhar com a mulher projetada, no âmbito da criação literária, por Lins do Rêgo, de maneira a dar enfoque à voz feminina. Apesar da presença do machismo que tenta calar as vozes femininas em *Menino de Engenho*, o processo de dialogismo é um fator que permite com que as mulheres intervenham significativamente no enredo, de forma a estimular a relação de dependência entre ambos os sexos. Os discursos dos personagens serão artifícios fundamentais para a análise da obra.

Nesse sentido, este trabalho não se resume apenas a análise do contexto histórico ao qual a obra foi inserida, mas estende-se até o ato de salientar o potencial das vozes femininas que manifestam a presença das mulheres. Com a ideia supracitada, detemos deste estudo textos teóricos “já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados” (SEVERINO, 2007, p. 122) que ratificaram a análise, além de complementarem conhecimentos acerca da narrativa de José Lins do Rego. A metodologia empregada nesta investigação incluiu como abordagem a leitura minuciosa e atenta que permitiu uma melhor compreensão do romance *Menino de Engenho*.

ENTRECRUZAMENTO DE VOZES: AUTOR, NARRADOR E PERSONAGENS

A sociedade brasileira de 1932, inspiração para a escrita de José Lins, era ainda conservadora, e uma das estruturas influenciadoras presente nela foi o patriarcado. O patriarcalismo é uma espécie de ordem que impõe e fornece autoridade ao homem sobre a mulher. É o que lembra Mangueira (2017, p. 73): “O enfoque no sistema patriarcal faz com que a obra do escritor conceda às personagens femininas um lugar de inferioridade social que legitima e perpetua o poder e a agressão masculina”. Essa estrutura estabelece uma série de regras morais e estereótipos, que determinam os papéis de gênero.

Primeiramente, a sociedade patriarcal fornece uma antropologia dualística, que tem o intuito de designar os respectivos papéis do homem e da mulher em sociedade. Enquanto que o homem é o ser que faz parte do mundo produtivo e do pensamento racional, a mulher é aquela que está integrada dentro do mundo reprodutivo e emocional (BUHLER, 2005). Em *Menino de Engenho*, dispomos de exemplos de situações em que o sujeito masculino, por intermédio dos meios coercitivos concedidos a ele, esforça-se para calar a voz feminina, de forma a tentar atribuir às mulheres uma significação presa a padrões da maternidade e do matrimônio.

A partir da análise da obra, frisamos aqui tia Maria, que pode ser considerada o próprio arquetípico de Maria de Nazaré, cultuada nas práticas cristãs. Isso, porque essa mulher, em especial, atribuí ao seu caráter características que fazem parte do modelo “ideal” feminino. “O imaginário cristão encarregou-se de construir como resgate salvífico um modelo de virtuosidade feminina presa à imagem da Santa Maria, em que os valores de castidade, sacrifício e resignação se tornaram fortes orientadores sociais”. (SACRAMENTO, 2001, p. 83). Tendo o próprio nome da mãe de Jesus como nome de batismo, tia Maria perpassa a imagem de mulher recatada, pura e frágil. Além disso, suas ações reforçam ainda mais o simbolismo presente em sua denominação, que por sinal é capaz de definir satisfatoriamente sua personalidade.

Carlinhos, seu sobrinho, a descreve como uma mulher carinhosa, bondosa e apta para o cargo de mãe, de maneira a associá-la constantemente à sua própria progenitora – Dona Clarisse –, que fora assassinada pelo marido na presença do menino:

Desapeamos, e uma moça muito parecida com a minha mãe foi logo me abraçando e me beijando. [...] E me abraçou, e me beijou, com uma ternura que me fez lembrar os beijos e os abraços de minha mãe. [...] (REGO, 2001, p. 39) Minha tia Maria assumia a direção da casa – e todos iam conhecer a mansidão e a paz de uma regência de fada. (Ibid., p. 45) [...] Minha tia Maria ficou toda cuidados comigo. [...] (Ibid., p. 46) E a minha tia Maria distribuiu com aquela gente toda a carne-de-sol e o arroz que nos trouxeram. (Ibid., p. 59).

Observemos que, os trechos acima expõem a ideia de que tia Maria é o modelo para toda uma sociedade patriarcal. Cuidadosa, pacífica, bondosa e até mesmo fada, são alguns dos adjetivos utilizados para caracterizar esse ideal “protagonizador” feminino. “Minha tia Maria assumia a direção da casa”. (REGO, 2001, p. 45). Esse trecho esclarece que Maria comandava a casa; era ela quem conduzia a todos, mesmo que subjugada pela sociedade patriarcal. Percebamos aqui, o espaço exercido pela mulher em *Menino de Engenho*, a qual age de forma a comandar e a dispor de “autoridade”. Logo, se a mulher “assume a direção”, ela participa da história e o esquecimento torna-se uma atribuição improvável à personagem feminina. Destarte, “a mulher só ganha empoderamento quando o homem, a elas superior, sai de cena”. (MANGUEIRA, 2017, p. 74).

Buhler (2005) destaca a importância de um narrador imparcial, que tem o poder da palavra e fornece à alguns personagens a possibilidade de aparecer sem os revestimentos dos estereótipos estabelecidos pela sociedade:

Graças à voz imparcial do narrador, que penetra a dimensão da interioridade feminina encaminhando sua consciência, é possível pensar o seu ser longe da visão exteriorizante dos homens, longe das máscaras sociais. O narrador toma, por assim dizer, a palavra indefesa e sem reciprocidade das mulheres no plano objetivo da história e a reveste de uma nova significação. (BUHLER, 2005, p.112)

A “imparcialidade” do narrador permite que certos personagens, nesse caso as mulheres, apareçam, e ainda, tenham lugar e voz na história. O narrador, neste caso, é um verdadeiro promovedor do ecoar de vozes femininas. Este artifício colabora para que haja um desvio no discurso, que concede às mulheres a “oportunidade da palavra”, para que elas exteriorizem impressões individuais. Dessa maneira, as mulheres participam e, ainda, “protagonizam na história”, o que faz com que elas se igualem aos personagens masculinos em nível de importância. Outra boa representação para o exposto, é tia Sinhazinha, cunhada do avô de Carlinhos e agregada da família.

Era ela quem tomava conta da casa do meu avô, mas com um despotismo sem entranhas. Com ela estavam as chaves da despensa, e era ela quem mandava as negras no serviço doméstico. Em tudo isso, como um tirano, meu avô, que não se casara em segundas núpcias, tinha, no entanto, esta madrasta dentro de casa. (REGO, 2001, p. 44)

Como se pode notar, a personagem descrita acima não é menos importante na obra. Pelo contrário, em uma casa de Senhor de engenho, era a tia Sinhazinha que dava as ordens, como se fosse uma madrasta de toda a família. Além disso, veio à casa do velho José Paulino divorciada do seu marido, com a prerrogativa de ter sido no matrimônio geniosa e sagaz. São exatamente as diferentes visões de mundo presentes no processo de dialogismo, sobretudo ações surpreendentes para uma época, que dão à obra um grande valor artístico e humano. Essas ideias são confirmadas por Buhler (2005):

Desta sorte, as mulheres não são apenas pano de fundo para acontecimentos importantes. Elas figuram através do desvio dialógico, como uma espécie de suspensão destes acontecimentos e inscrevem, neste espaço, suas impressões, avaliações e dores. [...] Assim, o que torna as mulheres igualmente importantes no romance é o uso do dialogismo. (BUHLER, 2005, p. 97)

Por ser um romance narrado em primeira pessoa, *Menino de Engenho*, é uma obra que possui um tom que reflete a personalidade de José Lins. “Assim, no narrado fica a marca do narrador, como a impressão da mão do oleiro sobre o pote de argila”. (SACRAMENTO, 2001, p. 58). O dialogismo é então uma técnica que dificilmente resulta em algo certo, pois o discurso do narrador na maioria das vezes está conectado a sua condição de gênero, de etnia, aos seus ideais e ao contexto histórico ao qual está inserido. Com isso, podemos afirmar que as relações dialógicas, apesar de estarem relacionadas à linguagem, são também extralinguísticas, pois a abordagem do discurso pode se dar por meio da junção dos pontos de vista externos e internos, tal como afirma Bakhtin *apud* Brait (2014).

O PERFIL DA MULHER EM DISCURSOS DIALÓGICOS

Apesar de haver o processo de dialogismo em *Menino de Engenho*, o que se percebe ainda é a grande resistência dos homens em não corroborarem com ele, para fins de igualdade de gênero. “Compreendemos, assim, que a cultura dominante, através de um discurso normatizador, veicula determinados significados sociais que visam sancionar um regime de dominação e controle sobre os corpos”. (SACRAMENTO, 2001, p. 86).

Podemos então afirmar que o narrador jamais será completamente imparcial, muito pelo contrário; pois na verdade será ele, o principal influenciado por opiniões e estereótipos da sociedade patriarcal. No entanto, apesar de o protagonista explícito na obra ser homem, é notável que o sentido de suas ações e de suas próprias reflexões se encontra nas personagens femininas (BUHLER, 2005). As mulheres, desde senhoras a escravas, detêm o poder de controlar e persuadir ações específicas dos homens. É o caso, por exemplo, de Zefa Cajá, mulata que introduz Carlinhos na vida sexual.

Mas eu ficava por perto, conversando com ela, olhando para a mulata com vontade mesmo de fazer coisa ruim. Ficou comigo uma porção de vezes. Levava as coisas do engenho para ela – pedaço de carne, queijo roubado do armário; dava-lhe o dinheiro que o meu avô deixava por cima das mesas. Ela me acariciava com uma voracidade animal de amor: dizia que eu tinha gosto de leite na boca e me queria comer como uma fruta dessa vez. Andava magro. “Este menino está com vício”. Era mesmo um vício visguento aquele dos afagos de Zefa Cajá. Saía do café para a casa dela, ia depois do almoço e depois do jantar. (REGO, 2001, p. 142 – 143)

No trecho acima é necessário que analisemos, primeiramente, a condição social de Zefa Cajá. A mulata é pobre. É ela que oferece sexo à Carlinhos em troca de mantimentos do engenho de seu avô – José Paulino. Por conta dessa carência financeira, é notável que o protagonista se sente na liberdade de buscá-la no momento em que tiver vontade. “O estigma de ser mulher, [...] num mundo tão hierarquizado, arraigado nas relações escravistas de posse, serve bem aos prazeres brutais dos seus donos”. (BUHLER, 2005, p. 110).

É certo que Carlinhos mantinha controle sobre a mulata, e isto, ocorria apenas através de um meio específico: o financeiro. No entanto, Zefa Cajá também foi capaz de controlar e persuadir não somente as ações do protagonista, como também seus pensamentos e até mesmo a sua personalidade. Por conta da forte influência da mulher, Carlinhos, mais tarde, verá o mundo através apenas de seus próprios desejos carnis, como esclarece o seguinte trecho da obra:

Em junho estaria no meu sanatório. Ia entregar aos padres e aos mestres uma alma onde a luxúria cavara galerias perigosas. Perdera a inocência, perdera a grande felicidade de olhar o mundo como um brinquedo maior que os outros. Olhava o mundo através dos meus desejos e da minha carne. (REGO, 2001, p. 145 - 146)

É perceptível a outra face feminina, a maldosa, que é capaz de estimular vícios e até mesmo transformar um homem em escravo dos próprios desejos carnis. No trecho acima, Zefa Cajá adequa-se à imagem de mulher má, que acaba por ter uma influência ruim sobre o protagonista e que não mede esforços em fazer prevalecer seus próprios caprichos femininos, mesmo que isto prejudique uma criança - Carlinhos.

As perdas da inocência e da pureza de Carlinhos, o levaram a receber muitas críticas negativas, não apenas por parte de sua família, como também das negras. Arrependido, o protagonista acaba por sentir a necessidade em se transformar no menino ideal e essa aspiração em mudar é motivada, principalmente, por sua falecida mãe – Dona Clarisse.

Em mim havia muita coisa precisando de freios e de chibata. As negras diziam que eu tinha o mal dentro. A tia Sinhazinha falava dos meus atrasos. Os homens riavam-se das intemperanças dos meus 12 anos. [...] “Quando voltar do colégio, vem outro, nem parece o mesmo”. Todo mundo acreditava nisto. Este outro, de que tanto falavam, seria o sonho da minha mãe. O Carlinhos que ela desejava ter como filho. Esta lembrança me animava para a vida nova. (REGO, 2001, p. 146 – 147)

Ao decorrer da obra, Dona Clarisse recebe uma adjetivação presa à obediência. Respeitabilidade esta, sem limites, que desencadeou no próprio assassinato executado brutalmente pelo marido ciumento, que ainda assim é visto por Carlinhos, como um bom pai. Apesar desse fato, contudo, é notável que em *Menino de Engenho*, a mulher consegue influenciar as ações dos homens por meio das mais variadas maneiras.

Mesmo apresentando uma figura marcada pela fragilidade e submissão, Dona Clarisse consegue motivar Carlinhos a mudar. “É interessante notar que, apesar da constituição frágil feminina e do pouco espaço reservado à atuação da mulher, esta, em situação-limite, apresenta-se desenvolva”. (SACRAMENTO, 2001, p. 62).

Carlinhos apoia a crença da própria transformação em sua mãe – Dona Clarisse –, que o influencia, de maneira a impulsionar a metamorfose do menino e, ainda, oferece consolo pelos erros por ele cometidos. “Mas a mulher também é proteção, é aquela que, independente da classe social à que pertença, ocupa espaço intervalar, de aconchego, que só ela, da maneira como faz, é possível executar”. (SACRAMENTO, 2001, p. 67).

Na obra, é notório o quanto as mulheres batalham em uma busca incessante pelo significado de suas vidas. Essa luta permite que, mesmo que secundárias, as personagens femininas passem a protagonizar a história, pois em certos momentos a palavra masculina desloca-se para o interior das vozes femininas, possibilitando a elas uma réplica (BUHLER, 2005). Surge então o dialogismo, que faz com que um indivíduo – Carlinhos – pense no próximo, dentro do próprio discurso. Podemos dizer então, que todo discurso é considerado polifonia de outro.

Outro dialogismo dentro da obra, está nas narrações de Carlos acerca do dia do casamento de sua tia Maria, esta que parte da casa grande de José Paulino, para viver com seu marido. O protagonista se emociona com a situação de sua tia, já que ela passava de comandante a comandada, em um espaço social que era inteiramente dominado pelo homem.

A tia Maria, enfiada. Nem olhava para ninguém. Os senhores de engenho embevecidos com o discurso do promotor. Era um elogio ao meu avô, que nem ouvia nada, pensando na filha. [...] Minha tia Maria me beijou chorando. [...] Maria Menina dava os seus adeuses com os olhos correndo lágrimas. Abraçava as negras que soluçavam de pena. E me beijou me abraçou não sei quantas vezes, enquanto eu chorava num pranto desesperado. [...] E pela estrada molhadas das chuvas de fim de junho, lá se fora a segunda mãe que eu perdia. [...] No outro dia amanheceu chovendo, e o Santa Rosa a coisa mais triste do mundo. Tudo vazia para mim, tudo oco, sem os cuidados, os beijos e as cavilações da minha tia Maria. (REGO, p. 135-136)

É notável a exteriorização dos sentimentos e pensamentos de alguns dos personagens, feita por Carlinhos. Em especial, destacamos tia Maria, que sofre com toda a situação de seu próprio casamento, que por sinal perpetuará a submissão de sua vida. Por ser de classe abastada, a mulher anteriormente citada é submetida “a um modelo de placidez e recato, condicionada à condição de gênero”. (SACRAMENTO, 2001, p. 66).

O maior objetivo das uniões, portanto, não era nada relacionado ao sentimento, mas à manutenção da riqueza e dos interesses de classe. Os “poderes disciplinares” faziam com que os homens e as mulheres se tornassem dóceis ao sistema, de maneira a atravessarem o corpo social e a realidade mais concreta do indivíduo, como uma rede, sem que suas fronteiras fossem limitadas (SACRAMENTO, 2001).

No entanto, apesar de toda a imposição, Maria não se revolta contra a família, pois é ela, como já exposto anteriormente, a personagem feminina construída sob a imagem espelhada da Virgem Maria. Por esse motivo, sua identidade pode ser analisada dentro da teorização do discurso como objeto de investigação dos processos de produção de sentido, que se dá por meio do cruzamento entre a linguagem e a história (FREITAS et. al., 2008). Carlinhos, então, passa a contribuir com o processo dialógico, por meio do compadecimento, mediante a própria situação de sua tia, que tem “sua liberdade violentada, sentida com a diminuição do poder de agir que se reflete na diminuição do esforço de existir”. (BUHLER, 2005, p. 101). “O escritor representa a maneira por meio da qual se dá a intersecção sensível das línguas numa única consciência, que participa igualmente das várias línguas, escolhendo e preservando a multiplicidade dos discursos sociais”. (BRAIT, 2009, p. 125–126).

O dialogismo faz sair da prisão as vozes sufocadas, sofridas e enfraquecidas, e ainda, desobriga as escolhas reféns de uma conjuntura social – patriarcado –, que mantém obscurecida a presença e a existência das mulheres. Logo, o processo supracitado torna-se “estético porque, em seu caráter multiplanar, o dialogismo cria sempre um sentido possível para a existência humana”. (BUHLER, 2005, p. 118). Desse modo, as vozes das mulheres citadas acima representam um discurso ideológico que trazem à tona seus desejos, objeções e esperas; elas querem, portanto, justiça.

CONCLUSÕES

Tanto o entendimento do contexto histórico como também o nosso objetivo em investigar as vozes femininas em *Menino de Engenho*, lograram êxito. Isto graças a escuta do ecoar do brado feminino, que possibilitou a investigação da obra por meio de artifícios como a teorização sobre o feminino e as questões de gênero. Além disso, tem sido de grande importância estudar o discurso contextualizado do autor e sua proporção dialógica na narrativa, sobretudo das mulheres apontadas sob a ótica de Carlinhos.

É indispensável destacar, que a análise das vozes femininas é crucial em uma pesquisa como esta, pois fornece às mulheres uma verdadeira representação social e existencial. Mostrar que as mulheres na obra não se resumem apenas ao discurso de um homem ou aos papéis impressos a elas pela sociedade, levou ao pensamento de protagonismo das personagens femininas.

No entanto, existem muitos outros aspectos à serem abordados futuramente acerca da temática “vozes femininas em José Lins do Rego”. Como exemplo, destacamos a negritude da mulher, visto que o discurso do autor na obra é apoiado em um passado que ainda insiste em reafirmar uma identidade inferior para o negro, o que torna as mulheres negras, ainda mais subjugadas.

REFERÊNCIAS

- BRAIT, Beth. **Bakhtin, dialogismo e polifonia/ Beth Brait**, (org.). – São Paulo: Contexto, 2009.
- BRAIT, Beth. **Bakhtin: outros conceitos-chaves/ Beth Brait**, (org.). 2 .ed. São Paulo: Contexto, 2014.
- BUHLER, Andrea Morais Costa. **A (R)evolução de um novo olhar: o feminino em José Lins do Rego**. João Pessoa: Manufatura, 2005.
- FREITAS, Alessandra Cardozo de; Lílian de Oliveira Rodrigues; Maria Lúcia Pessoa Sampaio. **Linguagem discurso cultura: múltiplos objetos e abordagens** – Pau dos Ferros: Queima Bucha, 2008.
- MANGUEIRA, José Vilian. **O sujeito feminino em o despertar e riacho doce: um estudo comparativo da obra de Kate Chopin e de José Lins do Rego**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2017.
- REGO, J. L. do. **Menino de engenho**. 80. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.
- SACRAMENTO, Sandra Maria Pereira do. **O perfil feminino na obra de José Lins do Rego: opressão e discernimento**. 1. ed. São Paulo: Cone Sul, 2001.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.